

Lixo hospitalar vai para vala em Ceilândia

Acordo entre o GDF, o Ibama e o Ministério Público solucionou o impasse até a reparação do incinerador da usina

LUÍSA MEDEIROS

O impasse do armazenamento do lixo hospitalar do Distrito Federal chegou ao fim. A partir de hoje, as 440 toneladas de resíduo tóxico que estavam sem destino, e a produção diária das cidades serão despejadas em uma vala séptica construída na Usina de Lixo de Ceilândia – até que o incinerador seja consertado. A decisão foi tomada, ontem, após vistoria na obra, feita por representantes do GDF e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis (Ibama), e da anuência do Ministério Público Federal (MPF) em reabrir a usina

Exigências para a liberação

A vala séptica construída para receber provisoriamente o lixo hospitalar teve de cumprir exigências ambientais do Ibama e do Ministério Público. Em menos de dois dias, funcionários da Qualix concluíram a obra, que só foi aprovada na tarde de ontem, após vistoria do órgão ambiental. Inicialmente, a proposta da Qualix era colocar o lixo numa vala para captar e tratar chorume, enquanto durasse o conserto do incinerador da usina. A idéia surgiu após o governo de Goiás vetar o despejo do resíduo hospitalar no aterro sanitário de Goiánápolis, terça-feira da semana passada. A proibição obrigou a empresa a acondicionar os sacos de lixo em carretas numa área do SLU. No entanto, o órgão ambiental reprovou as instalações da vala. Um dos motivos é que a lona utilizada para impermeabilizar o local não era adequada. A Qualix então elaborou um projeto para construir uma vala emergencial e o apresentou na manhã de segunda-feira ao Ibama.

EXIGÊNCIAS – O documento sofreu complementações do órgão ambiental, que foram corrigidas ontem, segundo o superintendente regional, Francisco Palhares. A vala emergencial tem três metros de profundidade e um volume de 2,6 mil metros cúbicos – o suficiente para receber 1,3 mil toneladas de lixo durante 60 dias. No fundo foram colocadas mantas vulcanizadas de polietileno que impedem que chorume infiltre no solo. O lixo não terá contato com a manta pois foram colocados 30 centímetros de argila compactada e um centímetro de cal, que ajuda na sucção do chorume.

Uma das exigências que faltava era a apresentação de um plano de colocação e retirada de resíduos da vala. As carretas deverão se deslocar até o ponto mais próximo da vala, para que não haja contato humano com o lixo. Um trator com uma garra hidráulica será o responsável pelo manuseio dos resíduos. Além disso, a captação e o tratamento do chorume, que poderá ser produzido na vala séptica, terá de ser drenado por uma bomba no fundo da vala. O líquido será recalcado para um caminhão-tanque e posteriormente enviado para a Estação de Tratamento de Esgoto Melchior. Segundo Francisco Palhares, caberá ao Ibama e a Secretaria de Meio Ambiente fiscalizar e monitorar os trabalhos na vala feito pela Qualix. Ele deixou claro que a usina não está sendo reaberta para outras atividades.

mesmo sem ter o licenciamento ambiental. Há 20 dias, desde que o incinerador da usina quebrou, as 30 toneladas diárias de lixo hospitalar não tinham destinação final. Desde então, a empresa de limpeza Qualix – contratada pelo GDF para o recolhimento de lixo – não conseguiu um local regular para armazenar o resíduo tóxico. Cerca de 160 toneladas de lixo foram colocadas numa vala inapropriada da usina. Durante a última semana, 220 toneladas de lixo foram acondicionadas em 13 carretas e em quatro caminhões estacionados no pátio da Estação de Transbordo do Sistema de

Limpeza Urbana (SLU), próximo ao Camping Show. Além disso, segunda e terça-feira, não houve coleta nas cidades, o que resultou em lixeiras abarrotadas com aproximadamente 60 toneladas. Após muita conversa, "a novela do lixo foi resolvida", afirmou o superintendente regional do Ibama, Francisco Palhares, ontem à noite, na saída de uma reunião entre autoridades do GDF e o procurador da República no DF, Francisco Guilherme Vollstedt.

Lixo deverá permanecer na vala até o dia 26, quando, segundo a Qualix, o incinerador será consertado

O encontro foi para costurar uma autorização extraordinária que permitisse o uso da Usina de Lixo de Ceilândia enquanto prossegue o processo de licenciamento ambiental do empreendimento. Segundo Francisco Palhares, em função do risco de saúde pública por causa da possibilidade de contaminação pelo resíduo tóxico, o Ibama e o MPF decidiram conduzir, temporariamente, o lixo para a vala adaptada. A autorização deverá valer

para os próximos dez dias, tempo suficiente para fechar um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre as partes envolvidas. O documento de 30 páginas enumera condições ambientais e administrativas que deverão ser cumpridas para que a Qualix possa abrir as portas da usina. Além disso, estabelece um plano de gestão do lixo no DF. As condicionantes são necessárias porque o empreendimento foi embargado e multado pelo Ibama, há duas semanas, pois não tinha licença ambiental para funcionar e estava com o incinerador quebrado. A estimativa da Qualix é que o incinerador esteja funcionando até o dia 26. A

partir desta data, o lixo acumulado na vala será queimado, como sempre foi feito. A previsão, ontem à noite, era de que a partir da madrugada de hoje um comboio com as carretas carregadas sairia da área do SLU em direção à Usina de Lixo de Ceilândia, segundo informou o secretário de Meio Ambiente, Antônio Gomes. Ele disse que o governo iria montar uma operação para acompanhar os veículos com batedores da Polícia Militar e do Detran e caminhões-pipa, para impedir que o chorume (líquido produzido pelo lixo) se alastre pelas vias. "O bom senso prevaleceu. A novela acabou", afirmou Antônio Gomes.

FOTOS: RICARDO MARQUES



Técnicos do Ibama e do GDF vistoriam e aprovam a vala impermeabilizada que, na madrugada de hoje, começou a receber o lixo hospitalar produzido em todo o DF

GDF vai criar área para depositar resíduo

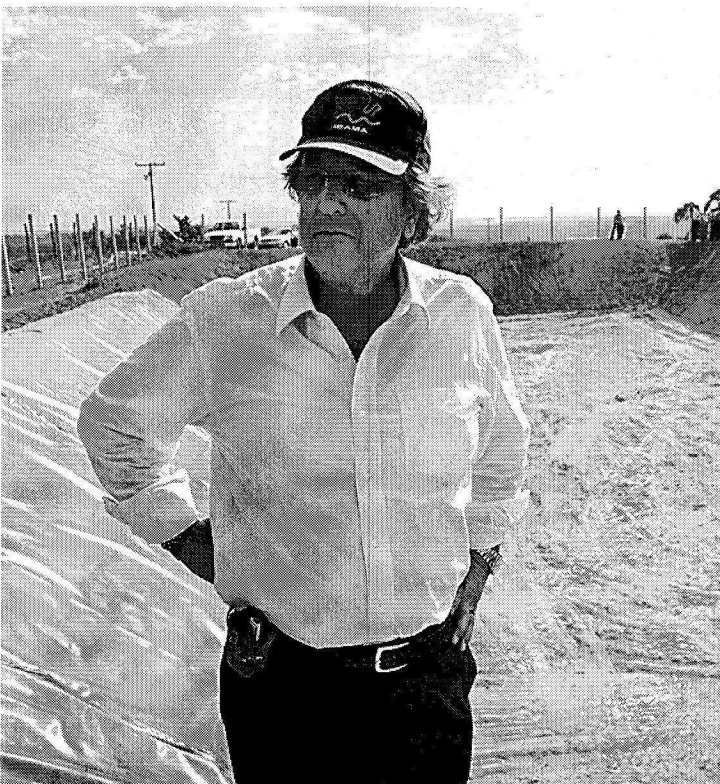
O governo local estuda a criação de uma área para receber o lixo hospitalar dentro do projeto do novo aterro sanitário do DF, que deve ser instalado próximo à Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) de Melchior. A intenção é ter um plano emergencial caso ocorra algum imprevisto com o incinerador da Usina de Lixo da Ceilândia. Segundo o subsecretário de Meio Ambiente, Fernando Fonseca, o Estudo de Impacto Ambiental do novo aterro está sen-

do analisado por uma comissão interinstitucional desde o ano passado. Ele garantiu que o projeto prevê células para receber o resíduo tóxico. Fonseca informou que o aterro fica a três quilômetros da área urbana e que o acesso será fechado para manter a segurança. O novo aterro será construído em função do fechamento do Lixão da Estrutural – um dos critérios não cumpridos dentro do contrato do GDF com a Qualix –, que agora será financiado pelo Banco

Mundial e está contemplado dentro do Programa Brasília Sustentável. **PLANO** – A falta de um plano emergencial para acondicionar os resíduos sólidos foi o grande responsável pela crise instalada. Uma série de desdobramentos ocorreram devido à falta de planejamento da empresa, que não tinha onde colocar o lixo. O transtorno repercutiu nas lixeiras dos hospitais e nas ruas. Em 26 e 27 de setembro, o

Ibama detectou, numa vistoria na Usina de Lixo da Ceilândia, irregularidades na disposição do lixo. O incinerador do local tinha quebrado e o material estava despejado numa vala provisória, causando risco à saúde das pessoas e ao meio ambiente. Na ocasião, o Ibama autuou a Belacap em R\$ 300 mil e multou a Qualix em R\$ 2 milhões, porque a usina não tinha licença ambiental. A empresa ainda foi multada em R\$ 2 milhões por manter irre-

gularmente a unidade de compostagem de lixo. No dia 29, foi iniciada uma negociação para destinar o lixo. A Qualix então enviou o resíduo para o aterro sanitário de Goiánápolis (GO). Um dia depois, autoridades goianas impediram a entrada do material tóxico no local. O lixo começou então a ser estocado em carretas numa área da SLU. Desde sábado, o Ibama multou a Qualix em R\$ 150 mil por dias por manter os veículos no local.



Francisco Palhares, superintendente do Ibama: "Fim da novela"



Há uma semana, o lixo hospitalar vinha sendo armazenado em caminhões, a céu aberto